

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I

S. PAULO - 1.º de Março de 1925

N.º 3

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Augusto R. de Carvalho
Prof. Dr. José Veiga

SUMMARIO:

A Revista Escolar.

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Linguagem oral e escrita. 2 — Geometria. 3 — Hygiene da alimentação. 4 — Arithmetica. 5 — Geographia. 6 — Physica. 7 — Os sentidos. 8 — Linguagem escrita. 9 — Linguagem. 10 — Botanica.

PEDOLOGIA: 1 — A evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — A esponja. 2 — Amoreira e bicho da seda. 3 — O couro. 4 — As madeiras. 5 — Oleo de manona. 6 — Carvão vegetal. 7 — O sal. 8 — A batata. 9 — O chocolate. 10 — Moeda-papel e papel-moeda.

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo.

LITERATURA INFANTIL: 1 — Dialogo. 2 — O feijão de costura. 3 — Perseverança. 4 — Rosas perfeitas. 5 — Conselhos do vovô. 6 — O soldado brasileiro. 7 — O cortinado da vovô. 8 — Luzes. 9 — Bonita. 10 — "Chantecler".

VULTOS E FACTOS: 1 — Santos Dumont.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — Alvorada.

QUESTÕES GERAES: 1 — A experiencia no ensino.

NOTICIAS: 1 — "Revista Escolar". 2 — Mais grupos escolares. 3 — Collaborações. 4 — Annuncios e assignaturas.

DIRECTORIA GERAL: Actos diversos.

SECRETARIA DO INTERIOR: Actos diversos.

INDICE.

S. PAULO - Brasil

1925

Brasília M. Santos

GEOMETRIA

SÓLIDOS GEOMETRICOS

LIÇÃO I

A ESPHERA

Esta e as lições seguintes serão dadas sempre á vista dos sólidos, fazendo-se com que as crianças vejam, apalpem, examinem os objectos e saibam, finalmente, o que estão dizendo.

Quanto maior o numero de objectos usuaes com a fórma do sólido em estudo se puder obter, melhor. Depois de estudado um sólido, pedir que as crianças tragam ou mencionem no dia seguinte, novos objectos encontrados com a mesma fórma.

Professora. — (Tendo nas mãos uma esphera.) Antonio, vá á mesa e traga-me uma coisa, um objecto parecido com este que aqui está.

Alumno. — (Traz uma esphera.)

P. — Alberto, traga-me outro objecto, parecido com o meu e o do Antonio.

A. — (Traz outra esphera.)

P. — Muito bem! Estes tres objectos ou sólidos, são parecidos, bem parecidos. Não são eguaesinhos, pois um é maior do que os outros dois que tambem não são eguaes; mas isto não quer dizer nada. Eu sei que você se parece com seu papae, ainda que elle seja um homem e você uma criança. (Dando ao Arthur uma esphera.)

Arthur, segure, apalpe, examine bem com os dedos este sólido.

Agora, feche os olhos. (Dando ao Arthur outra esphera.)

Diga-nos, Arthur, si este sólido é parecido com aquelle que você examinou antes de fechar os olhos?

A. — E', sim, senhora.

P. — Como é que você sabe que é parecido?

A. — Porque tem o mesmo geito.

P. — Sim, tem a mesma *fôrma*.

Venha Alcides conhecer com os dedos a *fôrma* deste sólido. (Dá ao Alcides uma esphera.) Agora, feche os olhos e ache-nos, ahí na mesa, outro sólido com a mesma *fôrma*.

Venha Augusto conhecer, como Alcides, este sólido.

A. — Eu já o conheço. Sou capaz de achar, com os olhos fechados, outro igual.

P. — Então, feche os olhos. (Dando ao Augusto uma regua.) Veja si este sólido é igual áquelle que você não quiz examinar?

A. — Não, senhora. Isto é uma regua.

P. — Como é que você soube?

A. — Pelo geito, pela *fôrma* da regua.

P. — Sim, conhecemos os sólidos pela sua *fôrma*.

Agora, Alvaro vae nos dizer o que é que este sólido sabe fazer?

A. — Sabe rolar.

A. — Sabe pular.

P. — Porque é que rôla?

A. — Rôla, porque é redondo.

P. — E a regua rôla?

A. — Não, porque ella não é redonda.

P. — Aos sólidos que rôlam, dizemos que têm *superficie curva*.

Peço a alguns alumnos nomes de coisas que tenham *superficie curva*.

A. — O lapis rôla; tem *superficie curva*.

A. — A caneta rôla; tem *superficie curva*.

A. — Algumas borrachas, quando estão gastas, ficam com *superficies curvas*.

A. — As rodas dos automoveis têm *superficies curvas*.

P. — (Dando a Aristides uma regua.) Feche os olhos. Passe seus dedos, bem devagarinho, sobre este sólido e nos diga onde começa um lado e onde começa o outro.

A. — (Mostrando.) Este é um lado. Este é o outro lado.

P. — Agora, tome este outro sólido e diga onde começam os lados.

A. — Este não tem lados.

P. — Tem, sim.

A. — Então, elle não tem começo nem fim.

P. — O que você quer dizer é que não se conhece, não se percebe, onde começa nem onde acaba o lado; pois este nosso sólido só tem *um lado, uma superficie, uma face*.

A. — Quantos nomes!

P. — Sim, e todos elles dizem a mesma coisa.

Alvaro, venha nos mostrar onde é que este sólido é mais redondo, mais curvo?

A. — Elle é curvo em toda a parte.

P. — Sim, a sua *superficie* é igualmente curva.

Agora, vamos aprender que isto (erguendo a esphera) que você chamam bóla, é uma *esphera*.

A todas as coisas que têm esta *fôrma*, diz-se que têm a *fôrma espherica*.

Que é isto, então, Americo?

A. — Isso é uma esphera.

P. — Quantas *superficies* tem a esphera?

A. — A esphera tem só uma *superficie*.

P. — De que modo é curva essa *superficie*?

A. — Ella é igualmente curva.

P. — Dê-m me nomes de objectos que tenham a *fôrma espherica*.

A. — A jaboticaba tem a *fôrma espherica*.

A. — A laranja tem a *fôrma espherica*.

A. — A bóla de *foot-ball* tem a *fôrma espherica*.

A. — O queijo do Rheno, tem a *fôrma espherica*.

(Continúa.)

vestir, dormir, etc. Comer, vestir e dormir todos sabem, mas comer, vestir e dormir bem, pouca gente o sabe. Por hoje, basta.

ARITHMETICA

I ANNO

(Continuação)

O numero *tres* é de idéa muito mais difficil para a criança do que o numero *dois*. Sua curta experiencia está cheia da idéa sobre *dois*: dois olhos, dois braços, duas orelhas, direita e esquerda, para cima e para baixo, etc. Ao aprender o *tres*, a idéa relativa precisa estar conscientemente presente. Não é bastante vêr os *tres uns* separadamente; elles precisam ao mesmo tempo sêr relacionados, unificados, constituir um *todo de tres*.

O numero *tres* pôde sêr tomado como prova da verdadeira idéa de numero e da aptidão para continuar os outros numeros e relações numericas.

Si a criança conhece o numero *tres*, poderá proseguir em poucas lições até ao numero *dez* e terá assim ao seu facil alcance os numeros maiores.

LIÇÃO V

Professora. — Traga-me *tres lapis*, Alberto.

Mostre-me *tres reguas*, Augusto.

Traga-me *tres laranjas*, Antonio.

Alberto, Augusto e Antonio (mostrando os *tres meninos juntos*) quantos alumnos são?

A. — São *tres* alumnos.

P. — (Erguendo *tres livros*.) Quantos livros estão aqui?

A. — A senhora tem *tres* livros.

P. — (Dá tórnos aos alumnos, mandando-os separal-os em grupos de *tres*.) Vamos fazer o signal que o giz faz aqui na pedra e o lapis lá no seu papel, para dizer *tres lapis*, *tres reguas*, *tres laranjas*, *tres alumnos*, *tres livros*, etc. (Faz o algarismo *tres* no quadro negro.) Venha, Alcides, escrever *tres* tostões.

A. — (Alcides escreve o algarismo *tres*, dizendo: *tres* tostões.)

P. — (Deverão vir ao quadro negro successivamente todos os alumnos, cada um fazendo por sua vez o algarismo *tres* e acompanhando a sua leitura do nome daquillo que o *tres* representa.) Armando, traga-me *tres* tórnos. Ponha *dois* tórnos na mão direita e *um* torno na mão esquerda.

A. — A mão direita (mostra) tem *dois* tórnos, e a mão esquerda (mostra) tem *um* torno.

P. — Junte os tórnos das duas mãos. Quantos são juntos?

A. — São *tres* tórnos.

P. — Separe de novo como estavam e reuna, contando a historia.

A. — Nesta mão direita tenho *dois* tórnos; nesta mão esquerda tenho *um* torno. Quando estão juntos, *tres* tórnos.

P. — Quem quer contar outra historia parecida com essa do Armando?

A. — Eu quero. Eu sei.

P. — Conte, então, Arthur.

A. — Em casa havia *dois* gatos, appareceu mais *um* gato, agora temos *tres* gatos.

P. — Americo, tome os tórnos do Armando. Quantos são?

A. — São *tres* tórnos.

P. — Ponha *um* torno na mão direita e *dois* tórnos na mão esquerda.

A. — Prompto. *Um* torno na mão direita (mostra) e *dois* tórnos na mão esquerda (mostra.)

P. — Ponha-os juntos. Quantos são?

A. — São *tres* tórnos.

P. — Agora conte a historia toda, sem que eu ajude.

A. — Um torno, mais dois tórnos são *tres* tórnos. (Mostrando a posição das mãos, ainda segurando os tórnos.) Tanto faz deste jeito (mostra) como deste, são sempre *tres* tórnos.

P. — Aristides, pegue *tres* tórnos. Ponha os *tres* na mão direita. Quantos tórnos tem você na mão esquerda?

A. — Na mão esquerda, *nenhum* torno: zero.

P. — Junte os tórnos das duas mãos e me conte a historia.

A. — *Tres* tórnos mais *nenhum* são *tres* tórnos.

P. — Ponha os *tres* na mão esquerda e conte outra historia.

A. — *Nenhum* torno mais *tres* tórnos são *tres* tórnos.

P. — Affonso, pegue *tres* reguas. Dê uma a Alfredo. Com quantas reguas ficou?

A. — Eu fiquei com *duas* reguas.

P. — Conte-me a historia toda das reguas, sem que eu ajude.

A. — Eu estava com *tres* reguas e dei *uma* a Alfredo, fiquei com *duas* reguas.

P. — Alvaro, pegue *tres* lapis. Dê *dois* delles a Americo. Com quantos ficou?

A. — Eu fiquei com *um* lapis.

P. — Conte a historia dos lapis.

A. — Eu tinha *tres* lapis (mostra) e dei a Americo *dois* lapis (mostra) fiquei com *um* lapis (mostra.)

P. — Americo, pegue *tres* tórnos. Dê a Antonio os *tres* tórnos e me conte a historia.

A. — Eu tinha *tres* tórnos e dei *tres* tórnos, fiquei sem tórnos.

P. — Antonio, com quantos tórnos está você?

A. — Eu tenho *tres* tórnos.

P. — Não dê *nenhum* e me conte a historia.

A. — Eu tinha *tres* tórnos e não dei *nenhum*, fiquei com *tres* tórnos.

P. — Alvaro, pegue *tres* livros.

A. — (Pega.)

P. — Aqui estão *tres* livros juntos. Este é um livro (mostra e põe separado) este é outro livro (mostra e põe

separado) e este é outro livro (mostra e põe separado.) Juntos são *tres* livros, e separados são quantos?

A. — São *tres* livros tambem.

P. — Sim, são *tres* montinhos com *um* livro cada um; são *tres* uns (mostra contando um *um*, dois *uns*, tres *uns*.) Agora, conte, Antonio.

A. — (Mostrando.) Um *um*, dois *uns*, tres *uns*.

P. — Armando vae me dizer quanto é *tres* uns? (Mostrando os livros dispostos em *uns*.)

A. — *Tres* uns são *tres* livros.

P. — Augusto, separe os livros em montes de *dois*.

A. — (Separa.) Só deu um monte.

P. — E sobrou?

A. — *Um* livro.

P. — Então, os *tres* livros têm um monte de *dois* livros e mais um livro (mostrando sempre.) Diga você, Arlindo.

A. — *Tres* livros têm *dois* livros e mais *um* livro.

P. — Pegue *tres* reguas, Alvaro. Arranje-as em montes de *tres*.

A. — Só deu *um* monte de *tres*.

P. — Sim. *Tres* livros têm só um *tres*. Diga, Alfredo.

A. — (Mostrando.) *Tres* tem *um* *tres*.

P. — (Pegando em *tres* balas.) Antonio, reparta estas balas entre você, Aristides e Arthur. Com quantas balas ficou cada um?

A. — Cada um de nós ficou com *uma* bala.

P. — Diga-me o que você fez.

A. — *Tres* balas repartidas entre tres meninos, coube *uma* bala a cada menino.

Obs.: — Estes exercicios deverão ser variados e repetidos.

P. — Quando nós dividimos alguma coisa em dois pedaços, cada parte chama-se...

A. — A *metade*.

A. — Ou o *meio*.

P. — Quando dividimos em tres, chama-se *terço* ou *terça parte*. (Pegando uma folha de papel.) Aqui está uma folha de papel que eu vou partir em tres pedaços. Cada pedaço destes

(mostra) chama-se um *terço*: é a terça parte da folha toda. (Desenhando uma circumferencia no quadro negro.) Aqui está um queijo que eu vou repartir em tres pedaços, um para Alberto, um para Alvaro e um para...

A. — A senhora.

P. — Cada pedaço destes, chama-se...

A. — Um *terço* ou a *terça parte* do queijo todo.

(A 6.^a Lição constará dos factos desta 5.^a Lição, reproduzidos no quadro negro, semelhantemente ao que se fez na 4.^a Lição.)

(*Continúa.*)

GEOGRAPHIA

PORTOS BRASILEIROS

O estudo da Geographia, para se tornar attraente, ao mesmo tempo que util, não deve constar de perguntas feitas sem que se tenha á vista, mappas ou esboços no quadro negro.

A nomenclatura arida, que só memorias privilegiadas pódem reter, deve sêr substituida por descrições variadas. O professor procurará tornar suas lições tão vividas, que o alumno, ao acompanhá-las, se sinta transportado ao ponto, ao lugar onde a explicação o levar.

O estudo da Geographia economica e industrial deve sêr intimamente relacionado com o da Geographia physica.

Professor. — Luiz passou suas férias em Santos. Vae nos contar o que viu e do que mais gostou por lá.

A. — Ah! foi do mar.

A. — Como é bonito!

P. — Bonito e util tambem.

A. — Como util?